

## Resenha

**Livro:** O Servo Branco de Deus

**Autores:** Ricardo Fontanari/Karol Wojtyla

**Editora:** Solidum

Na literatura mediúnica há vários relatos sobre os aspectos que envolvem o desencarne, alguns pelo ponto de vista do desligamento da matéria, outros acerca das sensações e sentimentos que envolvem esse momento fatídico, e há também a perspectiva de quem passou por isso e questiona como ainda é possível vivermos semelhantes distúrbios na hora da falência do corpo físico se esse processo já aconteceu várias vezes ao longo da trajetória do espírito.

No entanto, no “Servo Branco de Deus” Karol Wojtyla nos dá a sua versão da experiência desencarnatória baseado não apenas nas questões anteriormente citadas, mas principalmente pelo foco íntimo do próprio ser, não em teorias ou conjunturas, mas ele abre seu coração, expondo suas fraquezas, defeitos, capacidades, questionando acertos, revelando os seus recantos mais íntimos ao leitor.

Com essas características, a experiência da leitura faz com que o próprio leitor sinta-se projetado para dentro do universo do autor, como se no decorrer da obra os dois fossem se conhecendo, andando juntos pelo quarto de Karol, passeando pelos campos do recanto, ouvindo o riacho, aprendendo nos grupos de estudo, cada palavra é como uma memória vívida, saltando das páginas para envolver quem estiver por ali.

A sensação é de estar prestes a cair em um poço, a vertigem que antecipa a queda é simultaneamente reforçada pelo quase desejo de se entregar e despencar por conta própria, junto com o sentimento de insegurança. É o frio na espinha que arrepia e traz à tona os medos e angústias mais profundos, são os pensamentos misturados às emoções e sentimentos que começam a se chocar promovendo uma confusão mental, despertando a inquietude da culpa.

Essa movimentação e o contato com outras pessoas vai despojando Karol de vários conceitos, porém o leitor também se sente interrogado sobre tais crenças. O atrito entre a forma de pensar e a nova realidade vai desprendendo do ser as cascas incrustadas ao longo do tempo, deixando suas camadas mais íntimas sensivelmente expostas.

Trata-se de uma reconstrução do ser, do sentimento de ter seus recantos íntimos devassados por um turbilhão que a tudo derruba, faz sacolejar e estremecer até a percepção da fina aspereza do tempo a dilapidar a essência divina de cada um.

Mas, e Deus, por onde andou todo esse tempo? Qual a sua relação com tanta dor? Como adaptar o Evangelho de Jesus a nossa realidade? Será que existe uma ilusão criada para manter um sistema? Ou será que o sistema é a verdadeira ilusão?

Teresa de Calcutá em vários momentos traz pensamentos valiosos para ajuntar o tesouro no coração, ela afirma que “muitas das ações que nos exigem nem precisam da ajuda de Deus porque são coisas simples e pequenas, mas rogamos por comodidade para que não precisemos fazer tanto esforço” e Karol é o exemplo vivo, e agora transcrito da maior das características humanas, a imperfeição.

JULIANO HENRIQUE LÁZARO